ANO I N.º 23
Numero avulso 5$00

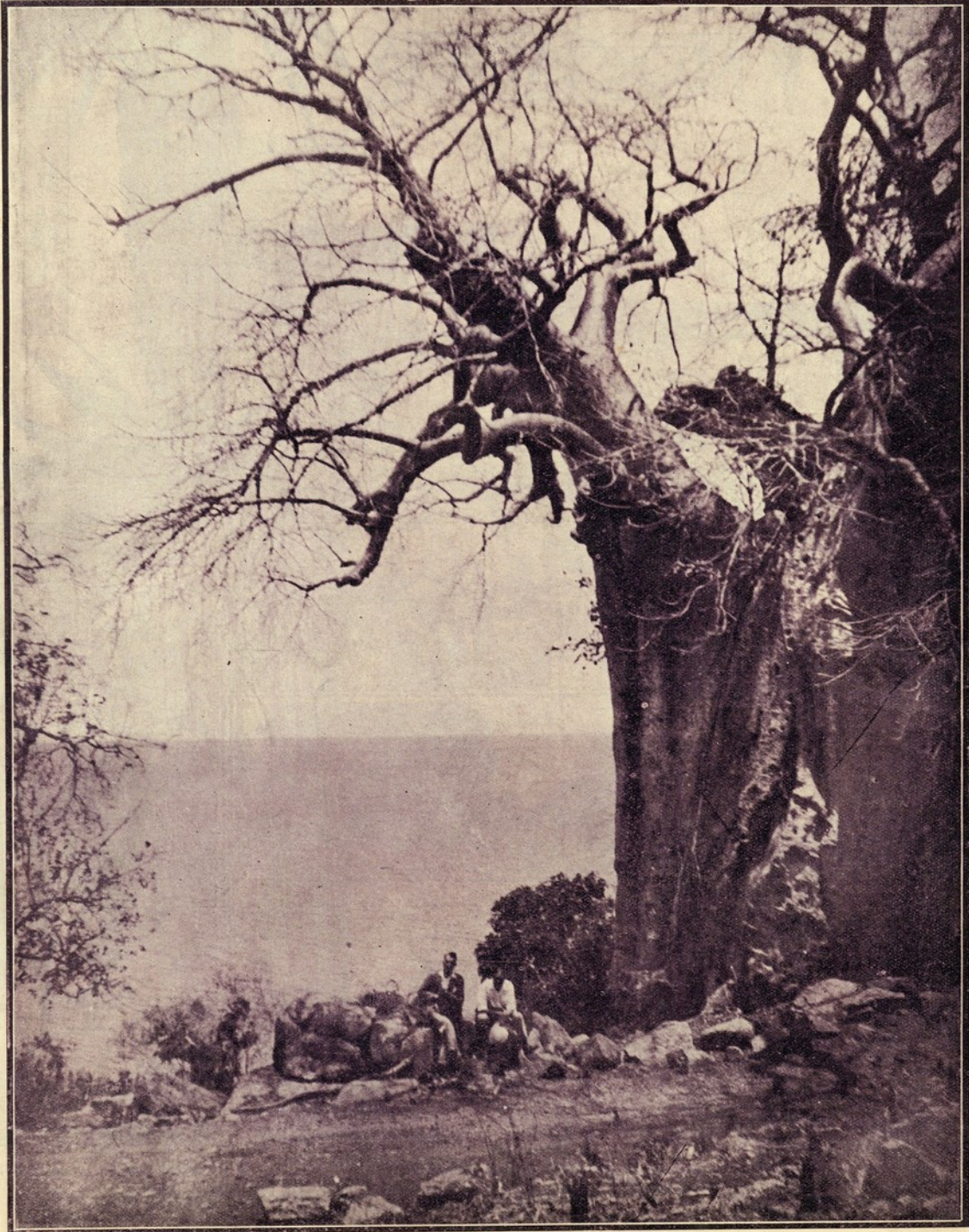
LOURENÇO MARQUES
15 de Março de 1934

O Ilustrado

Edição gráfica do NOTICIAS

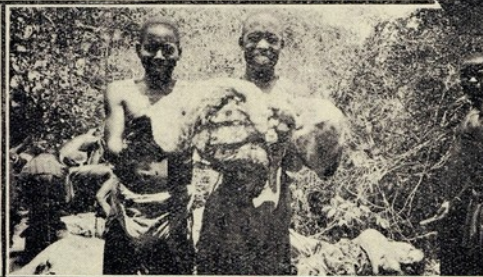
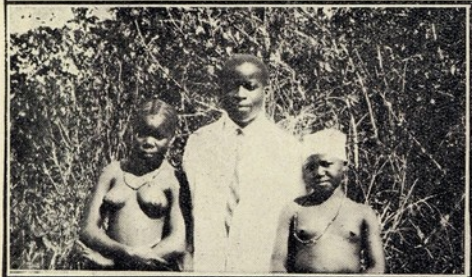
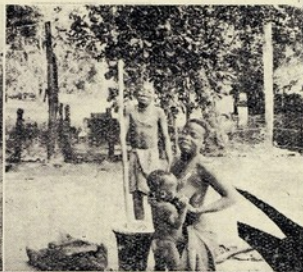
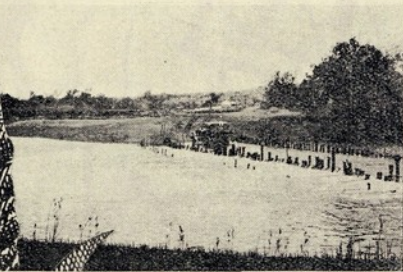
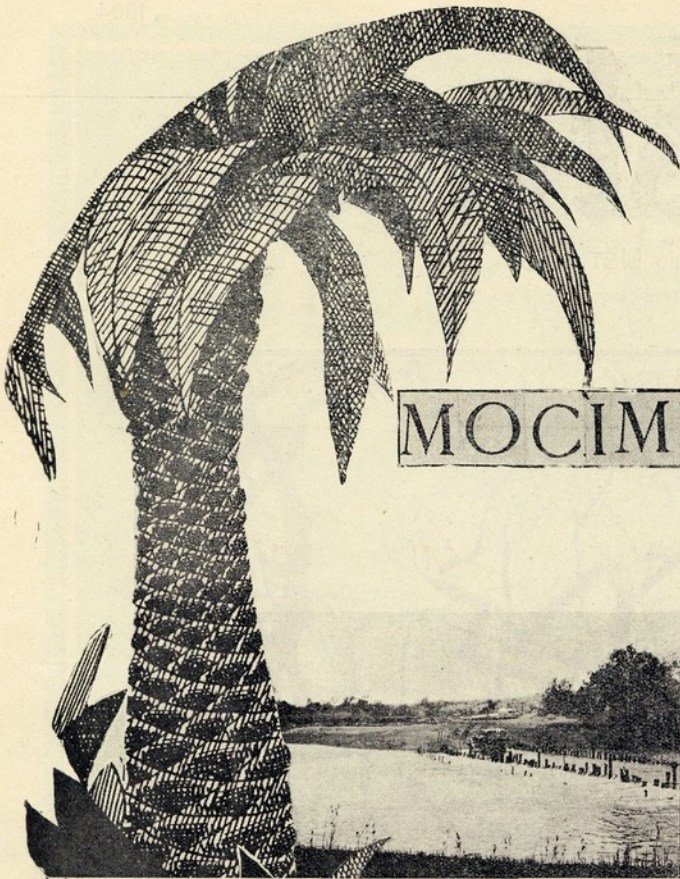
Propriedade da Emprêsa Tipográfica

Director — SOBRAL DE CAMPOS

Sede — Praça 7 de Março

Paìsagem africana (Margens do Niassa)

■ A passagem do rio Muanha.
■ Emquanto descansa...
■ Um indígena civilizado com as suas irmãs... que desprezam a civilização...
■ Um grande coração de um cavalo-marinho.

■ O dé de peito de uma hiena...
■ Os primeiros trabalhos dum desbaste.
■ «Fraülein» Gesta Thegee, de 4 anos de idade, cavalgando pacificamente um cavalo-marinho.
■ Um tipo de machila.

MOCIMBOA DA PRAIA

(«Clichés» do súbdito alemão A. Thegee, grande caçador residente em Cabo Delgado)

■ «Fraülein» Gesta e o seu melhor amigo.

Crónica da Quinzena

PRIMAVERA! Primavera!

Dentro de poucos dias, por terras de Portugal, Ela surgirá, sàdia e fresca, graciosa não obstante as formas quási opulentas, os seios túrgidos e erectos, a face iluminada por um olhar cheio de promessas, a boca, carnuda e sensual, entreaberta num adorável sorriso, a cábeleira esparsa ondulando ao sabor das brisas, e trazendo no regaço — Nossa Senhora da Graça, Rainha Santa da Natureza! — as mil flores com que há-de operar o seu divino milagre...

Primavera! Primavera!

Vai pelos campos um arrepio quente de vida...

Nos troncos nús rebentam folhagens môças de um verde alegre e vivo, ou as florações alvas como a neve e rosadas como a madrugada e como os sonhos das virgens...

Os rios abrandam as suas correntes e espreguiçam-se, junto às margens pitorescas dos seus leitos, com voluptuosas ternuras... Os campos vestem-se de relva macia e viçosa, onde apetece a gente deitar-se na contemplação de uma vida ingénua e vegetativa, ou arranchar, nos pique-niques, entre as risadas cantantes das raparigas, prelibando as delícias de idílios simples, que possam terminar pelo casamento, ou aspirando os hálitos saborosos de amantéticas paixões...

Primavera! Primavera!

Vai pelos campos uma labuta sã e prometedora... Os arados sulcam as entranhas humosas da grande Terra-Mãi... Mais além as sachas, as mondas... Foi-se o frio... O céu, cerúleo e meigo, tem candura de pupilas infantis...

Voltaram as andorinhas... As cotovias e as arvéolas saltitam e cantam pelos restolhos... Nas balsas, umbrosas e perfumadas, as silvas entrelaçam seus ramos espinhosos, nos quais, dentro de pouco, se tingirão, esplêndidas, as suas saborosas infrutescências... E as madre-silvas subtis e os pilriteiros nevados são como almas de noivos... O sol, magnífico, de um loiro suave de trigal maduro, tem ternuras dôces e bem-fazejas como beijos maternos... Sente-se, ouve-se, em tôda a parte, o despertar palpitante da vida, o subir ansioso das seivas...

...E, «ao sol poente, as virgens passam... pelas estradas ermas a cantar»...

Noites abrilinas... Noites de fantástico luar... Noites que são bênçãos...

Maio... Maio florido e perfumado... Maio das rosas e dos amores... Já andam as papoilas, as papoilas rubras, manchas de sangue vivo, corações ardentes de poetisas rústicas, a compor as suas odes magníficas entre o verde viçoso das searas... Aldeias... aldeias... Lugarejos... Grupos de casitas brancas, que poisam nas encostas dos montes ou se aninham nos vales frescos e frondosos, como bandos dôces de pombos... Repicam os sinos... Os sinos repicam... E, «no ar lavado, os sinos tocam a noivado»...

Primavera! Primavera!

Nossa Senhora da Graça! Rainha Santa da Natureza!

...E vêm as festas nos adros das igrejas, as procissões, as romarias, os arraiais, as noites turbulentas do fogo de vistas... E vem Junho — Junho já ardente — o mês dos Santos, dos Santos populares... Santo António, S. João, S. Pedro... Dias festivos, dias alegres, dias de promessas e de amores... Noites de fogueiras, noites de descantes, noites de bailados e de luminárias, noites de abraços e de beijos, noites de vinho e de rixas, noites de círios e fulgores...

Amadurecem já as vinhas... Das cepas contorcidas e enramadas, algumas trepadoras — há poucos meses ainda nuas, torturadas pela algidez do inverno — pendem, em cachos magníficos, as bagas reluzentes que se vão colorindo, que se vão transformando em pedrarias fascinantes de montras encantadas...

São já longos os crepúsculos, radiante e irizada a hora do sol-pôr... Hora de oiro e de sonho... Hora extática e lânguida... Hora de meditação e de prece... Escorre da Natureza inteira uma infinita paz... E, pelas estradas e carreiros, entre uma poalha de oiro, passam rebanhos de ovelhas mansas, as cabras lentas, os bois pacientes e robustos... Chocalhos... Chiar de rodas de carros... A canção melancólica das noras na faina das regas... O último cantar dos galos... Um cão ou outro que ladra... O ar é puro... A tranqüilidade é santa... E, na paz sagrada dos campos, que se preparam para adormecer sob o manto da noite, sobem, mais claras, as vozes dos que recolhem da labuta...

Para o céu, quási direito, sobe, sereno, o fumo dos casais... E, quando, lá em cima, se acendem as primeiras estrêlas, ou a lua se ergue para velar por tudo, a Paz é completa naqueles fecundos e ridentes campos do nosso Portugal.

Primavera... Primavera...

Nossa Senhora da Graça! Rainha Santa da Natureza! Madona protectora dos pobres e dos simples! Lâmpada sempre acesa nos corações namorados!

Bem-dita sejas Tu, divina Primavera, que povoas de sonho a alma dos Artistas e que, com o teu milagre, transformas a Terra dura numa canção de Vida e levas a fartura e a alegria à cabana mais triste e ao lar mais modesto!

Bem-dita sejas — Primavera! Bem-dita sejas!

S. C.

Estrelas...
beijos...
e flores...
de
Hollywood

O amor de um príncipe

NÃO é só nos romances e nos filmes que nos surgem os amores e os casamentos de príncipes com raparigas sem estirpe, sem pergaminhos, de origem burguesa ou plebeia... A vida dá-nos de tudo o que vamos encontrar no romance, no teatro e no cinema. E a novela mais estranha, a fita mais impregnada de fantasia, a peça mais inverosímil — tudo isso que constitui o predilecto manjar de conceituados críticos de acerada e impiedosa pena — tem, quási sempre, senão sempre, uma base real, flagrante de verdade, arrancada, ainda quente, da própria vida. E os críticos, conspícuos, severos, implacáveis, ferozes e olímpicos, destroem, em duas penadas irónicas ou contundentes, todo um trabalho de concepção e de forma, de inteligência e de sensibilidade, porque «os personagens estão errados», porque «as suas psicologias são inverosímeis e insubsistentes», porque «a sua acção é ilógica e irreal»... Como se a vida fôsse talhada, geomètricamente, a régua, compasso e esquadro! Como se a vida fôsse sempre a expressão serena e rigorosa da lógica, em vez de um conjunto de ângulos e de curvas sinuosas e irregulares, como a fímbria das vagas depois de quebrarem — tôdas diversamente — nas areias das praias!...

A vida dá-nos de tudo... E os amores de príncipes e os seus casamentos com raparigas do povo, ou muito distantes da sua linhagem de pura nobreza, que temos encontrado (e muitas vezes nos têm feito sorrir) por operetas, novelas e filmes — nada têm de ingénuo, de fantástico e de inverosímil. Há-os, assim mesmo, na vida... Por mera coincidência ou por influência e sugestão tiranizante e escravizadora da própria literatura e da própria imagem vivida no «écran»? Sabe-se lá...

Num interessante estudo de René Doumic, sôbre os amores românticos, a vida e as obras de George Sand e Alfred de Musset, encontrámos esta observação:

«O que é mais curioso, e de um grande ensinamento, é que nêste consciencioso esfôrço de dois escritores, empenhados em realizar as mais loucas quimeras, se nota até que ponto êles foram vítimas da literatura do seu tempo e da sua própria literatura.»

E, mais adiante, estudando, desde a mocidade, o temperamento romântico, excessivo e doentio de Musset, e as influências literárias que actuaram nêsse temperamento, marcando-o e exagerando-o, acrescenta:

«Não é demais salientar, mais uma vez, a influência que exercem as obras de imaginação sôbre pessoas sensíveis e de nervos impressionáveis. Se é certo que muita vez a literatura é modelada sôbre a vida, não é menos certo que, muitas outras, é a literatura que modela aquela.»

* *

Seja como fôr... — que talvez nem os próprios príncipes, nestas circunstâncias, saibam destrinçar as causas que os impeliram a semelhantes atitudes e destacar da sua paixão o que actuou no seu consciente e no seu inconsciente... — o que é facto é que têm já sido vários os casamentos de príncipes e infantes com mulheres sem fidalguia e de modesta condição.

Tudo isto vem a propósito do recente casamento — de que o telégrafo se tem ocupado com ridículos pormenores — do príncipe Sigvard — segundo filho de Gustavo Adolfo, príncipe herdeiro ao trono da Suécia — com a actriz Erika Patzek, por quem se tomou de amores.

Segundo êsses telegramas, seu pai, Gustavo Adolfo, que assumiu as rédeas do Estado na ausência do rei Gustavo — seu pai e avô de Sigvard — comunicou ao Conselho de ministros que êste, por motivo do seu casamento com uma plebeia, tinha perdido todos os seus direitos hereditários, títulos e prerogativas, passando a usar apenas o nome de Bernardote... E o Conselho de ministros — solene e austero — aprovou aquela comunicação.

Mais alto que os preconceitos e os privilégios

Nem tôdas as pessoas de realenga e imperial estirpe condenaram — ao que parece — o passo afoito e desassombrado dêste príncipe apaixonado, pois, segundo um outro telegrama, o duque Brunswick e sua esposa, a princesa Vitória Luiza, única filha do ex-«kaiser», assistiram ao banquete oferecido pelo príncipe Sigvard, na noite anterior ao seu casamento — não se sentindo diminuidos, por isso, no seu prestígio e sancionando, desta forma, aquele amor...

E êste simpático Bernardote, que resiste a todos os conselhos, a tôdas as influências e a tôdas as pressões que se opuseram ao seu casamento; êste rapaz, que galga todos os preconceitos, para só seguir as inclinações do seu sentimento; êste príncipe, que troca os seus títulos de nobreza, as suas prerogativas e os seus direitos hereditários, para gozar a companhia da eleita do seu coração, é, positivamente, um dos tais príncipes de romance, de teatro ou de cinema... Entre a vaga possibilidade de um trono e a certeza confiante do amor de uma mulher, não hesitou.

Trocou tudo isso, a amizade paterna, as afeições das outras pessoas da família, a consideração untuosa dos palacianos, todo o brilho e fausto da côrte, pelos braços dessa mulher... Levado pelos impulsos da sua paixão, guiado pela luz daquele olhar que o fascinou e o prendeu, pôs-se a caminho daquilo que julga ser a sua felicidade... E não olhou para trás.

É, a-final, o que fazem outros homens. Mas muitos há, também, que — mesmo sem serem príncipes e tendo muito menos a sacrificar — tropeçam na emmaranhada rêde dos preconceitos; e, sem coragem de romper com êles, passam ao lado da felicidade e seguem adiante, por tortuosas vias, quando bastaria apenas estender a mão para a colherem...

Terá o príncipe Sigvard encontrado a felicidade?

Quem o sabe?...

Talvez...

Pelo menos, êle assim o julga... Não o desiludamos, não ensombremos a paz do seu amor, não perturbemos o seu sonho... que talvez seja uma realidade.

* *

Pela risonha e encantadora Itália, despojado já de todos os títulos e complicadas honrarias, Bernardote, apaixonado e contente, humano e simples, vai compondo, com beijos, a partitura da sua Lua de Mel... Que o céu de Itália — país de Sonho e de Arte — lhe povoe de graças a vida inteira e que a dôce Erika, sua enamorada e sua esposa — que tam grandes responsabilidades assumiu! — nunca o faça lamentar a vaga perda de um vago trono e tudo o mais que êle depôs a seus pés, como um braçado inebriante de cravos e de rosas...

O príncipe Sigvard e Fraülein Erika Patzek, num hotel de Londres, depois do seu casamento

SOBRAI DE CAMPOS

Bernardo Passos

Os cerros envolveram a linda aldeia de S. Braz de Alportel, fechando-a em redor. E, lá em cima, nas encostas, estão os moinhos de vento — sentinelas vigilantes — a guardá-la.

E tudo isto sucedeu assim, porque estava escrito que nasceria ali um poeta que, pela singeleza da sua alma, só estaria bem na paz dos campos, entre as avezinhas, as flores e as crianças. E, por isso, os cerros fecharam a linda aldeia e, num gesto de mãi amorosa, abriram nas suas entranhas — como janela aberta — uma nesga para o Poeta ver o mar, pousar os olhos maravilhados no azul das suas águas, na alvura das espumas. Só aquela nesgazinha... Que êle não oiça as tempestades... Os seus sonhos só sejam de pureza e graça, e o seu olhar só pousasse nas coisas simples e boas.

Que ao seu coração, onde teria tesouros de piedade, se aconchegassem os malaventurados sem amor... Que os seus ouvidos só escutassem o murmúrio das regatas, o canto dos rouxinois, as confidências amorosas das rôlas bravas — e a música dos ventos que passa no alto das serranias...

....

Poucos compreenderam o alto Poeta que foi Bernardo Passos. A sua vida foi como um radioso aerólito que só as almas de eleição puderam ver. Foi o mais enternecido lírico português. Os seus versos são roseirais floridos, brandas falas de namorados, lágrimas dos tristes. E subiu tam alto, sendo tam simples, que atingiu Deus. Definiu-o na clarividência de eleito, em vôos de inspiração maravilhosa...

....

A vida de Bernardo Passos, que não foi longa, levou-a êle praticando o bem, a doutrina que Jesus nos ensinou — «amando o próximo como a si mesmo». Muitas vezes se despiu para vestir os nús e a oração do amor e misericórdia estava sempre nos seus lábios, a desculpa de todos os crimes no seu olhar condoído...

....

Numa clara manhã do dia 2 de Junho de 1930, morreu Bernardo Passos, aquele que sabia cantar as harmonias da voz das fontes, a humildade das ervinhas rasteiras, os segredos de tôdas as coisas mansas. Morreu nêsse dia o Poeta que Portugal quási desconhece e que, no entanto, foi um dos maiores líricos da nossa terra...

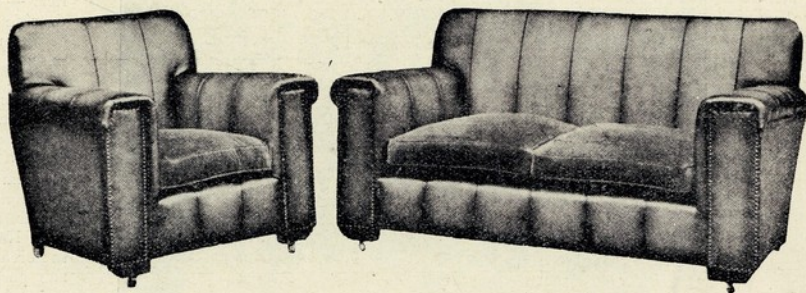
Todos os anos, no dia do aniversário da sua morte, os algarvios deviam ir em romagem ao seu túmulo e ir ajoelhar diante do relicário da Saüdade, que está na casa da sua irmã Vergínia — recordações que ela religiosamente guarda; ouvir-lhe contar a história da vida do seu tam amado irmão.

«— Quando êle era menino... depois já moço e poeta... Os seus versos, as suas cartas... Quando deixou a sua tam querida aldeia... Um lencinho de seda vermelha, que êle usou, que aquelas mãos trémulas mostram e apertam contra o peito, sôbre o coração a sangrar de dôr... E a fogueira, sempre viva, daquele amor fraterno, a crepitar em soluços, a cintilar em lágrimas...»

....

Sôbre o túmulo do Poeta eu espalho as humildes violetas do meu singelo preito e ergo as mãos e rezo — porque Bernardo Passos foi Poeta e Santo!...

Faro — 1933.

Margarida GUERREIRO

Quem alguma vez foi a Coimbra e a visitá-la se demorou algum tempo, jàmais esquecerá a impressão de encantamento que as suas púpilas receberam, que a sua retina fixou, que a sua sensibilidade guardou como num sacrário. Paisagem de sonho, de tonalidades admiráveis, feita de deliquescências de tintas e de luz... O Mondêgo, os seus salgueiros e os seus choupos esguios como círios... As suas mulheres, graciosas como ânforas gregas... Terra de sonho e de poetas... Terra de mocidade e de amores... Terra de guitarradas e descantes...

Mas não é só Coimbra e os seus formosíssimos arredores... Mais além, sobranceiras ao Mondêgo e aos campos de Coimbra, são as mil maravilhas da serra da Lousã, é Penacova, é Lorvão... Terras cheias de beleza e de emoção, que têm inspirado as almas dos poetas e os pincéis dos artistas, que têm dado motivo a quadros, que são poemas e sinfonias de côres, e a poemas e a páginas de sàdia e vibrante prosa, que são telas de uma grande e fresca riqueza pictural...

Tudo isso à roda do Mondêgo — talvez o rio mais cantado do nosso Portugal... E quem vem de Ceia, de Gouveia, e se dirige, de automóvel, para a cidade da Guarda, descobre (ainda junto ao Mondêgo) paisagens imponentes que são panorâmicas cenografias de encantar! E não há ninguém — por mais árido que seja o seu temperamento — que, ao percorrer, pela primeira vez, essas magníficas estradas, não seja obrigado a parar para contemplar, em êxtase, alguns dêsses trechos formosíssimos...

Tal qual como em Sintra, essa pitoresca Sintra do turismo, povoada de palácios que são relíquias e evocações permanentes, essa Sintra onde as águas, que brotam de tôda a parte, sem esfôrço, como cristalinas vozes de raparigas enamoradas, são estrofes dulcíssimas, líricas compostas e rezadas por um poeta estranho àquele sagrado torrão...

Rezemo-las, nós também, essas estrofes, ajoelhados no manto da saüdade...

Terras de Portugal

— No rio Mondego: um tipo de mulheres de Coimbra

— Um trecho de Penacova: vista da estrada que margina o Mondêgo.

—Outro trecho de Penacova.

— Porta principal e torres da Sé da Guarda.

— Tôrre e Palácio da Pena, em Sintra.

The Ideal Summer
Drink

actualidades

UMA grande parada de desempregados, marchando, em Hyd Park (Londres), no domingo, 25 de Fevereiro, escoltados pela polícia a cavalo. Esta demonstração fez-se como protesto contra a nova lei do desemprêgo, tendo havido veementes discursos e não se registando incidentes.

EM Berlim: o dia da memória aos herois alemãis, mortos na Grande Guerra (25 de Fevereiro).

O MAIOR navio do mundo. É o navio francês «Normandie», que a gravura nos mostra na doca sêca de St.-Nazaire (França), onde recolheu para montagem das hélices e renovação da plataforma de lançamento. Repare-se para o tamanho dos operarios, no fundo da doca.

UMA homenagem alpinista ao falecido rei belga: associando-se às cerimónias do luto nacional, três guias subiram, no dia 19 de Fevereiro, ao Monte Branco — ao pico «Alberto I» — içando, ali, ao meio-dia, as bandeiras da França e da Bélgica.

O PRESIDENTE do Reichstag, Hindemburgo, cumprimentado por Adolfo Hitler, na ocasião da sua chegada para a manifestação aos mortos na Guerra.

"Gado Bravo"

Primeira produção do Bloco H. da Costa

Fundou-se o Bloco H. da Costa, com o fim de produzir filmes portugueses, falados em português, de características e qualidades indispensáveis para a desejada expansão mundial.

A primeira produção, já completamente filmada, encontra-se em vias de montagem e será apresentada ao público lisboeta a 15 de Fevereiro próximo.

«Gado Bravo» é o seu título. O argumento localizase na região ribatejana e em Lisboa. O caso focado recomenda-se pela violência do conflito, pelo colorido dos ambientes, pela movimentada acção, pelo característico dos costumes locais.

Muitos dos mais belos aspectos da vida portuguesa, algumas das mais encantadoras e bizarras páginas do folclore nacional, inúmeras paisagens de uma das mais pitorescas e várias regiões do País, dão ao filme um relêvo invulgar e emprestam-lhe um perfume de genuino portuguesismo que o hão-de distinguir e impôr como obra de muita originalidade e poderoso interêsse.

Para se alcançar um tam satisfatório resultado, foi preciso que o Bloco tivesse rodeado a sua primeira produção de cuidados pouco comuns, de uma escrupulosa exigência manifestada na escolha dos técnicos e intérpretes, e até de um verdadeiro carinho.

Como entre os elementos portugueses não temos ainda técnicos de competência e experiência capazes de dar ao filme aquela «altura» internacional indispensável — na parte material, entenda-se — foi necessário trazer a Portugal alguns mestres do cinema europeu que, sob a direcção de portugueses, dotaram «Gado Bravo» com a mais perfeita das técnicas cinematográficas.

Assim, o grande «cameraman» alemão Heinrich Gärtner brindou o filme com uma fotografia verdadeiramente maravilhosa, de qualidades excepcionalíssimas, que o põe a par dos mais famosos operadores de exteriores, dos Lee Garmes, dos Clyde De Vinna, dos Flaherty. Maz Nosseck, cineasta germânico de faculdades pouco vulgares, supervisionou «Gado Bravo», assistindo o realizador com os seus preciosos conselhos de homem experimentado.

O realizador foi António Lopes Ribeiro, jornalista cinematográfico português do maior talento, cujo nome passou as nossas fronteiras e se impôs nos maiores centros europeus. As suas faculdades, notáveis em tôda a parte, impô-lo-ão fàcilmente como «metteur-en-scène». O seu trabalho, em «Gado Bravo», vai já, certamente, acreditá-lo como um autêntico valor.

aOmetorsбaiqc- etaoin shrdlu etaoi shrd

O maestro Luiz de Freitas Branco, compositor notabilíssimo, que sabe, como poucos, transmitir à música o lirismo bizarro e a sensibilidade da nossa raça, compôs a música do filme. Hans May, compositor vienense dos mais distintos e técnico experimentado em sonorização de filmes, escreveu um tango e dirigiu os trabalhos de sonorização.

Os versos das canções são da autoria do grande poeta António Boto, nome que dispensa adjectivos.

Da interpretação encarregaram-se Raúl de Carvalho, Artur Duarte, Nita Brandão, Mariana Alves, Alberto Reis e Armando Machado — artistas portugueses, alguns com provas já prestadas no cinema, outros sòmente distintos actores teatrais. Em dois papéis de estrangeiros, aparecem no filme dois artistas excelentes, com o seu nome feito no cinema europeu. São les Olly Gebauer, que foi «Miss Viena 1931», e o célebre cómico germânico Siegfried Arno.

Durante seis meses, tôda a «troupe» do «Gado Bravo» labutou no Ribatejo, de sol a sol, na faina árdua de impressionar alguns milhares de metros de filme virgem. Foram seis meses de canseiras, de trabalho metódico, plenamente coroado pelo brilhantismo do resultado obtido.

Acabados os exteriores, o grupo partiu para Paris, onde se filmaram os interiores num dos mais bem apetrechados estúdios desta capital.

Depois de 17 dias de trabalho no estúdio, terminaram, finalmente, as filmagens. E começou-se imediatamente a montagem, agora já em adiantada fase.

A expansão internacional que o Bloco H. da Costa almejara para os seus filmes está, hoje, plenamente assegurada.

«Gado Bravo» vai ser explorado, em Espanha e França, por intermédio das agências que H. da Costa tem em Madrid e Paris.

Na Alemanha, o filme é explorado pela Ufa. No Brasil, o filme será seguramente exibido.

E, finalmente, o Bloco acaba de receber uma proposta da grande firma americana Universal, para a exploração de «Gado Bravo», depois de «dobrado» em alemão, pelo processo «dubbing», nos seguintes países: Austria, Hungria, Suissa, Checo-Eslováquia, Jugo-Eslávia, Roménia, Finlândia, Estónia e Lituania.

Lisboa, 20 de Janeiro de 1934.

Exposição de pintura

Madame Pinho, directora da Escola Vasco da Gama, na Exposição de pintura e arte aplicada, dando a direita ao sr. Director dos Serviços de Instrução e a esquerda ao professor J. Nascimento. — O professor Nascimento com um grupo de alunas.

Gado bravo
film português

Amantes...

(À Marília)

> «Quando a animalidade ruge, quando a carne se inflama, o espírito emmudece, anula-se... — ABEL BOTELHO.

RA bonita, a minha Amante. Uma mulher esplêndida, bela, encantadora. Quási que tenho saüdades suas. Um dia, fugimos um do outro: não sei se fui eu, ao vir para aqui, se ela, por ter lá ficado. O que é certo é que ainda a não esqueci.

Esquecer... ¡Como se o primeiro amor dum homem pudesse assim ser banido, apagado da memória com a mesma facilidade com que se limpam da ardósia os traços do giz! Não, que aquele amor louco arranhou demasiado a minha sensibilidade doentia, para que eu o possa assim esquecer!

Ultimamente, era, para ela, um sensaborão, um materialão, uma «coisa», e, por isso, esta minha impassibilidade nunca poderia coadunar-se com a sua índole meiga e amorosa. Pisava sempre a mesma nota, e esta monotonia irritava-a, embora nunca mo quisesse dar a perceber. Tinha — como sempre teve — desejos e incitamentos a que eu não queria ou não sabia corresponder.

A vida em comum tornara-se-nos impossível.

A culpa foi minha, só minha. Quis, caprichosamente, saber como era por dentro aquela criatura tam forte, na aparência. Quis, na minha vaidade infinita de homem, conhecer bem, perscrutar o íntimo daquela mulher — que, como mulher, tinha os mesmos defeitos e as mesmas virtudes do seu companheiro, o homem, ambos animais, ambos racionais. Consegui-o, é certo, mas confesso-me arrependido. Devia, antes, ter sido mais despreocupado, porque, depois do conhecimento absoluto, veio o tédio, o enfado e, implicitamente, a avidez de novas sensações, de novos horizontes...

Se eu tivesse colocado em primeiro lugar o espírito, e o corpo em seguida, não estaria, de-certo, a gaguejar agora estas pieguices, contrito e humilde...

■ ■ ■

Já lá vai um ror de anos sôbre o nosso último beijo — o melhor de tôda a minha vida. E os melhores beijos são sempre os dos amantes, que, quando o fazem como nós o fazíamos, dão a impressão que se querem beber a alma.

Já lá vai um ror de anos...

O tempo, a ausência, a provável substituïção — ouves-me? — hão-de extinguir por completo a fogueira que ardeu no meu peito moço e chamuscou, mais do que tu pensaste, a minha sensibilidade.

Perdôa-me. Não me queiras mal por estar aqui a devassar os nossos segredos. Isto é um grito da alma — não sei se tenho alma nem tampouco se ela existe — um desabafo dum coração que esteve preso pela mais absorvente das paixões.

Ninguém tem nada com as nossas misérias...

Se, um dia, te chegarem às mãos estas palavras sinceras, pode ser que ainda recordes, com saüdade, aquelas noites em que o amor e o desejo te disputavam como presa favorita, ó minha amante! Amante, sim — mas não no sentido reles e pulha do termo; antes, no que êle tem de mais puro: amantes são aqueles que se amam. De resto, é uma questão de nomenclatura, para mim secundária.

...E nós amávamo-nos. Tu eras a «minha amiguinha» e eu o «teu querido miúdo»...

Embora só me reste de ti, hoje, uma vaga recordação, ainda gostava de te ter mais uma vez nos meus braços e de te beijar sôfregamente. Sempre queria ver se ainda és a mesma — que sempre foste — criatura insatisfeita do meu amor...

■ ■ ■

Raras vezes saíamos. Mas, uma noite, fomos ao cinema. Ficámos ao lado um do outro, o meu ombro direito encostado ao teu ombro esquerdo, para que tôda a gente visse bem que nos pertencíamos. Tinha a impressão de que reparavam sempre mais em nós do que em qualquer outro parzinho, dos muitos que pela vida fora passam, quási sempre despercebidos. Digo-te com franqueza: uma espécie de ciúme invadia-me por completo, quando te via assim alvo das atenções de todos. Tu eras tam linda, tam atraente! Sê-lo-ás ainda?

Ouve. Diz-me lá: ¿Para que olhaste assim com aquela pontinha de insistência para um rapaz que se sentou ao teu lado direito? Se tivesses adivinhado o que nessa ocasião se apoderou de mim, o nó que se me deu na garganta! Acabavas, com êsse movimento tam natural de músculos, de ferir profundamente o meu orgulho.

Nunca imaginei que o ciúme fôsse assim tam amargo — nunca lhe tinha provado o gôsto acre.

Não sei bem porquê, retirámo-nos antes do final. Sentia ganas de te estrangular e de beijar, ao mesmo tempo, para me convencer de que ainda eras minha. Mas apoderou-se de mim uma indecisão e um amolecimento de que ainda não consegui dar a explicação.

Nessa noite, ainda fomos cear, mais amiguinhos do que nunca. Comemos, com prazer, muito satisfeitos. Parece que nos sentíamos mais felizes...

Demorámo-nos na rua, passeando. Contra o costume, não tínhamos pressa de chegar a casa; recolhemos quási de manhã.

E, custa a crer, gostei mais da nossa casa, nessa noite... Achei-a mais confortável, mais acolhedora, sem mesmo saber porquê. Recordas-te dela? Era num rés-do-chão. O nosso quarto tinha uma janela baixa, que dava para a rua. A nossa cama, muito grande e quási rente ao chão; uma mesa redonda, com um palmo de altura, apenas, colocada pouco mais ou menos ao meio do quarto, em cima da qual punhas as tuas «trapalhadas» (frascos, estojo de unhas, pentes, escovas, um boneco a que eu achava muita graça, os livros que lias...). E mais nada tinha o nosso quarto, a não ser um globo de vidro, vermelho — o candeeiro eléctrico que nos dava a única luz que de noite lá entrava — uns banquinhos um pouco mais baixos que a mesa, e a nossa roupa, que, tôdas as manhãs — era matemático — íamos encontrar, misturada, espalhada pelo chão, por todos os lados, para onde a havíamos arremessado, na véspera.

¿E, quando tu, de manhã, em pijama, chegavas à janela e compravas uvas, que levávamos horas a comer, ou, então, ias arranjar café e leite e pão quente com manteiga, que nos entretinhamos a saborear, pachorrentamente, à mistura com alguns beijos, que nos sabiam muito melhor do que a comida?

Era assim, todos os domingos, não era?

¿E quantas vezes deixámos de almoçar, só para que não fôsse quebrado o encanto e continuássemos entregues àquele abandono que freqüentemente e por tanto tempo se apoderava de nós?

Sentíamo-nos tam bem assim, ao pé um do outro...

Quantas vezes sucedeu estarmos um e dois dias sem nos levantarmos ou sem saírmos daquele cubículo — odiando, quási sempre, nessas ocasiões, o almôço e o jantar — só e ùnicamente para assim prolongarmos o êxtase que ali nos tolhia por completo! Quantas vezes faltei ao cumprimento das minhas obrigações profissionais, só para te não deixar, só para poder sentir-te cada vez mais minha!

■ ■ ■

Mas, daquele dia em diante, as coisas mudaram, sem que eu, aparentemente, para isso tivesse contribuído. Saía de casa mais cêdo e passei a não ter horas certas de regresso — o que ainda não tinha sucedido.

Andámos, assim, umas três ou quatro semanas, nesta estùpida indiferença.

Uma tarde, deixei mais cêdo as minhas ocupações e corri para casa, sem saber o motivo que me impelia a isso. Era uma fôrça... um desespêro...

Quando entrei, recebeste-me como de costume:

— Olá, meus queridos miúdos!

Estava uma coisa a roer-me, cá dentro. Minava-me um desgôsto sem explicação.

Quando me disseste «olá, meus queridos miúdos» e eu te respondi «adeus, minha querida amiguinha», uma coisa qualquer passou por mim, uma vontade não sei de quê...

Rugiu a animalidade... Anulou-se o espírito...

E bati-te, bati-te tanto, minha amiga...

....

Ainda hoje me atormenta o remorso de quanto fui mau.

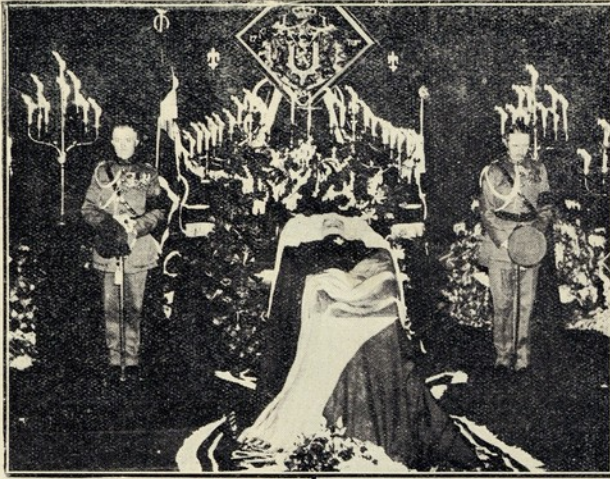
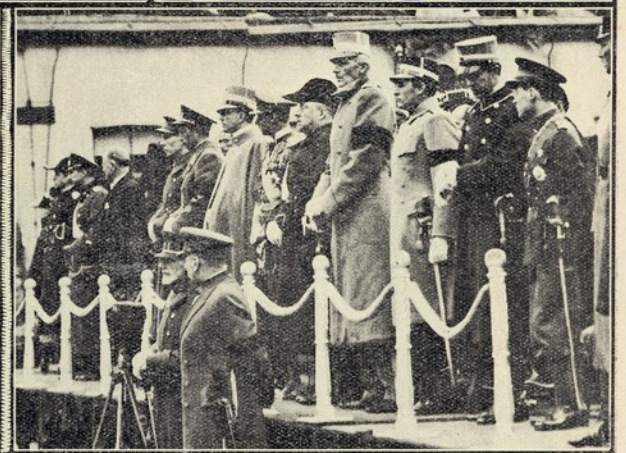
O ciúme cegara-me...

A vida, minha querida amiga, é um misto de dôr e de beleza.

ÁLVARO

Assistentes ao almôço oferecido, no Polana Hotel, ao sr. dr. Francisco F. Santos

Gentil «toilette» de noite, em cinzento-toupeira, com guarnições plissadas. — Um lindo e simples casaco para saída de baile, de setim branco. — Gracioso vestido de noite, de veludo, com alças, costas — muito modernas — em forma de capuz, e a cauda com pormenores muito interessantes (Modêlo da casa Marshalland Snelgrove, de Londres). — Um muito elegante vestido de passeio: saiote escossês, orlado por uma pequena faixa, contrastando com êle um pequeno casaco de côr. — Um ultra-«chic» vestido de casaco e saia, em diagonal, enfeitado, duma maneira moderna, com pele de carneiro da Índia. Um gentil e pequeno gorro e um leve veu completam o conjunto, produzindo um belo efeito (modêlo da casa Marshalland Snelgrove, de Londres). — Casaco para uso diário, em diagonal cinzento, com gola e faixa de «Hudson Seal». Completa o elegante conjunto um chapeuzinho de veludo castanho com asas vermelhas (modêlo da casa «Réveillon»-Regent Street, Londres).

Os Soberanos da Belgica

Alguns aspectos do funeral do Rei Alberto

O Rei Alberto, na câmara ardente do Palácio Real de Bruxelas, pelo qual desfilaram muitos milhares de pessoas de tôdas as classes.

O armão, com os restos mortais do Rei-Alberto, passando, entre o cortejo funerário e uma enorme multidão, pela rua Royale. De cada lado iam os portadores do manto, membros do Senado e generais.

Leopoldo III, actual soberano da Bélgica, e sua mulher, a rainha Astrid, visitaram a Catedral de Santa Gudula, em Bruxelas, para assistirem a um «Te-Deum» em honra da sua ascensão ao trono. Os actuais soberanos à saída da Catedral.

O funeral do Rei-Alberto a caminho da Catedral de Santa Gudula, para a missa de defuntos. Reis, príncipes e representantes de muitas nações se encorporaram no préstito, acompanhando o Morto desde o Palácio Real até à sua última morada, em Larken.

O cortejo que acompanhou o actual soberano, através das ruas de Bruxelas, apinhadas de gente, até ao Parlamento, onde foi prestar juramento de fidelidade à Constituïção.

Reis, príncipes e representantes de diversas nações assistindo à chegada do caixão do Rei-Alberto ao seu túmulo, em Larken.

Fascinação

(Descritivo)

Por Teofilo Rodrigues

DEZ horas.

O Pavilhão de Chá da praia da Polana, no seu cosmopolitismo, apresenta uma vida confusa, movimentada, onde a alacridade, ruidosa e sã da mocidade, tem laivos de embriaguês...

O sol, desfeito em gargalhadas rubras, em palhetas de oiro, em filigranas de incêndio, tudo mordisca, tudo aquece, tudo fascina num capricho indómito... Tisna carnes lácteas e virgens, torra carnes morenas, excita carnes indiferentes, põe em efervescência carnes petulantes... Extrai da água cintilações azuladas, reflecte-se violentamente nas vidraças, imprime, nos olhos que contemplam os seus efeitos, o brilho da sua chama, arranca revérberos multicores de jóias caras ou falsas, e paira, trémulo e cansado, no espaço...

Um fio de ar perdido, uma pontinha de hálito que se escôa por entre dois dentes do Deus Vento e que as suas filhas e concubinas deixaram vaguear, ameniza, em parte, o calor do sol africano.

Avolumando-se, êsse indício do resfolegar do Vento cava pequeninas valetas no mar e transforma as vestes femininas em flâmulas. E erra por misteriosas curvas de pernas piramidais, por ângulos de braços odoríferos, por sinuosidades de lábios ígneos, por ondulações de cabeleiras soltas, desejoso, sequioso...

E as mulheres, hipotèticamente cobertas por vestidos feitos de «Champagne» espumoso, não se zangam, não se lhe opõem: consentem, facilitam, alegram-se, deliciam-se... E os vestido de algumas, feitos de suposições, são galhardetes acenando ao sol, ao sol que lhes coloriza a lúrida pele; são lenços perturbantes dizendo adeus aos homens, que as olham hipnòticamente, ansiosamente...

O mar, faiscante, insinua-se na vontade das raparigas, que ardem em desejos de «marcar», que se apressam, talvez inconscientemente, em expor seus corpos à avidez insaciável dos rapazes... E obedecem, sem mesmo esboçarem um ensaio de resistência, ao ascendente que o sol nelas opera, raiando sôbre a neurasténica ondulação da água...

Lá vão: descem as escadas aos saltinhos e os seios agitam-se e baloiçam... Tocam os pèsitos na água, e sacodem um calafrio que, por sugestão, lhes percorre os braços, as pernas, as espáduas e o resto do corpo quási nu...

Ei-las que mergulham, umas, e se deixam cobrir lentamente pela água, outras. As que sabem nadar, ensaiam as primeiras braçadas, tomando, em seguida, a direcção da prancha. As restantes permanecem à beira-mar, tocando os pèsinhos na areia, dando gritinhos de mêdo, a-fim-de que um conhecido ou amigo lhes estenda a mão que, às vezes, repelem num instinto de pudor, recusando a sua maliciosa protecção...

Numerosas mãos de fada agitam-se, cortam o ar, e caem, pesada ou ligeiramente, no líquido nervoso; cabeças desenvoltas e engraçadas mergulham: o mar recebe-as, acaricia-as, beija-as, refresca-as...

Os fatos de lã ou de algodão em malha dão-lhes uma nova epiderme, uma cútis de côres variegadas e belas — alindam-lhes as carnes frescas... E modulam ventres sinuosos, e acusam, e sublinham a oondulação de soberbos tronos de carne, que o mar se entretem em beijar, ciciando líricas de amor... As mais formosas, vistas de perto ou de longe, são estatuetas de Carrara.

Quási tôdas estremecem de alegria, de triunfo, e se comprazem em mostrar a plástica dos seus corpos, estéticos e tentadores, aos seus favoritos...

Dir-se-á que, a esta hora, a praia deixa de ser praia, para se transformar em gruta mitológica, paìsagem de Tântalo, cenário que Dante não anteviu, sonho que Camões não versejou...

As Naiades expostas ao sol, meio nuas — ou, o que será melhor, com uma pele falsa que esconde a verdadeira, hodierna escama de Ondina — tornam-se mais excitantes, mais sedutoras, mais irresistíveis...

No ar, contorcem-se violentos desejos de beijar e morder aquelas bocas ígneas; de sorver, sôfregamente, o alcool enlouquecedor que delas brota; de apertar aquele mar de braços roliços, torneados, còrados, aquela onda de pernas, de pernas que são colunas, traves de fôrças; de amá-las, de adorar tôdas, porque são tôdas insinuantes; de se lançar àquelas Circes, Cleópatras, Vénus, Ondinas, Sereias, favoritas de harens, e apertá-las, e desfazê-las, a tôdas, por que nenhuma vápida existisse.

Mas êsses desejos, êsses anseios, essas quimeras, essas alucinações — esmorecem, quando as Afrodites se retiram, crueis de indiferença...

Ali vão algumas morenas, mais adiante muitas louras, cujas cabeleiras são centelhas de noites escuras, cujas cabeleiras parecem algas feitas de oiro, donde escorrem pérolas que são gotas de água a infiltrarem-se, dòcemente, na volúpia dos seus pomos, por cuja covinha se perdem...

Noite no Mar

(A' Odette, gentil criança)

No mar era profunda a calmaria;
E o Sol — fornalha imensa que se apaga —
Nem uma brisa a levantar a vaga!
Lá muito longe terminava o dia!

Uma gaivota ao largo se escondia,
Por entre duas barcas, a ondear;
E na muralha, só, a negrejar,
Um guindaste gigante eu descobria.

Nem uma luz a iluminar o pôrto!...
Só da Lua, o clarão enamorado,
O meu olhar seguia, vago, absorto...

E era mais bela, assim, mais peregrina,
Essa noite com vento sossegado,
Essa noite oceânica... idealina!...

L. Marques — 11-3-934.

Gonçalves PEREIRA

Visão Oriental

(Ao Ex.mo Sr. Joaquim da Costa)

A Favorita, escultural e linda,
Ao Rajah mostra seu corpo divino, —
Quando o Sol — viajante peregrino —
Já no poente a sua rota finda...

Na terra não escureceu ainda
E já, da preferida, em desatino,
O Rajah ceva seu prazer ferino
Nos níveos seios... de brancura infinda!...

Depois... tudo acabou; e, triste e fria,
A Favorita — eterna maravilha! —
Vai aspirar o cheiro da baunilha,

Emquanto que, na alcova, em mil órgias,
O opulento Senhor, de mil haveres,
Com escravas começa mil prazeres!...

L. Marques — 11-3-934.

Gonçalves PEREIRA

— Que bons ventos me levem...

Um burro com sorte

(conto para crianças)

À Malé

Há burros que têm sorte, outros que a não têm...

O destino dos burros é como o destino dos homens...

Depende êsse destino de muitas circunstâncias e, muitas vezes, do próprio acaso...

Êste era um burro com sorte...

Nascera, feliz, naquela «machamba». Nunca lhe faltara a comida, o confôrto, a limpesa, a alegria... Sobretudo, nunca lhe faltara a liberdade, que era aquilo que êle mais apreciava, depois da comida, ou tanto como esta...

Eu não lhes digo que os burros são como os homens?...

De manhã até à noite, corria, saltava, espinoteava, espolinhava-se na terra e no capim e era um prazer vê-lo nessas brincadeiras, as orelhas arrebitadas (às vezes uma arrebitada, a outra caída), os olhos marotos com uma expressão quási humana, a cauda em movimentos que davam bem a nota da sua alegria... E se isto divertia tôda a gente que o presenceava, constituia, sobretudo, o encanto do dono que ria, infantilmente, perante as farsas e as cabriolas daquele extraordinário... comediante...

—Está em praça o burro! Um escudo o burro!

Mas a sorte dos burros nem sempre coincide com a sorte dos donos...

O pobre «machambeiro», por diversos motivos, ia tendo a vida mais ensarilhada, cercado por uma rêde de apertadas malhas de dívidas e compromissos de que não conseguia ver-se livre por mais que trabalhasse...

Para mais, a terrível «praga» dos gafanhotos caíra-lhe, aos milhares e milhares, sôbre os campos cultivados, sôbre o milho já feito, e, em pouco tempo, devorara-lhe tudo! Ia perdendo a cabeça, o pobre do homem. E tal fôra a sua dôr que pensara em suïcidar-se.

As penhoras sucediam-se às penhoras; e, sem ter maneira de, por mais tempo, «atamancar» a sua vida, o desgraçado «machambeiro» teve que curvar-se perante a fatalidade que o perseguia e que resignar-se a ver o seu prédio, com todo o recheio e pertences — gado, instrumentos de lavoura, etc. — arrematado em hasta pública...

No dia da arrematação, à porta do tribunal, lá estava o burro... O burro também ia a leilão...

O burro, que nunca tinha vindo à cidade, olhava, — «como boi para palácio»... — para o edifício da Câmara, onde funciona o tribunal... Como olhava, também desconfiado, para aqueles homens que ali se juntaram à sua roda, à volta do camião e de muitos «tarecos» da «machamba» que êle muito bem conhecia... Havia, então, um que, mais que qualquer outro, lhe prendia a atenção. Era um homem baixinho que não fazia outra coisa senão gritar números. E, de cada número que o homenzinho gritava, o burro tinha um estremecimento e arrebitava as orelhas...

— Que será isto?!... — pensava.

E filosofava, intrigado, meneando a cauda.

A certa altura, porém, ouviu, distintamente, o mesmo homem baixinho gritar assim:

— Está em praça o burro! Um escudo o burro...

Houve uma gargalhada geral.

Foi então que percebeu que estava num leilão e que ia ser vendido! A sua alma... contraíu-se num grande sofrimento. Ser vendido! Mudar de dono! Perder — talvez — a liberdade! Sofrer — quem sabe?... — duras inclemências! Tudo isto o atormentava. Mas o que mais o magoara fôra aquela gargalhada depreciativa, irritante troça à sua situação de burro... Uma revolta, íntima e profunda, tomou-o todo, de repente. E pensou, de si para si:

— O que seria dêles, dos que me escarnecem, se eu rebentasse a arreata, me soltasse e disparasse uma... «girândola» de coices... Havia de ser bonito!...

Mas logo a seguir o seu pensamento se voltou, de novo, pora a idéa de que ia ser vendido. Que seria dêle? Que iria suceder-lhe? A que mãos iria parar? Qual seria o seu futuro? E, ao meditar em tudo isto, inclinou a cabeça e olhou o capim dos terrenos próximos do tribunal. Tinha uma expressão triste e nostálgica o seu olhar... Lia-se nêle o amargor das dúvidas e a saüdade daquela querida «machamba» onde nascera e que nunca mais tornaria a ver...

Foi nessa ocasião que voltou à realidade — mesmo a tempo de verificar que o último lanço (o de um sujeito de óculos, que sorria de contente) era de 5$00!

Cinco escudos — um burro!! Em que apreço todos aqueles homens tinham a sua vida e os seus merecimentos... que ninguém dava, por êle, mais de 5$00!... E deixou pender a cabeça, as orelhas murchas, o olhar mais triste, a cauda flácida — triste também — recolhida entre as pernas traseiras, na resignação de quem aceita a inevitável fatalidade do seu destino...

Mas êste burro, como lhes disse, era um burro com sorte...

O seu comprador não o quis. Qui-lo apenas para o oferecer. E não havia êle, o seu comprador, de estar contente... Dar um presente assim, daquele valor, por 5$00!

Assim pensava o burro na sua nova morada...

Não houve maneira de dormir, naquela primeira noite... Às vezes punha-se a fazer conjecturas... E dizia:

— A-final, talvez me dê bem por aqui...

É que lhe agradara a maneira afável como fôra recebido naquela casa, a forma como o trataram e o acomodaram e, principalmente, as festivas expansões de uma criança, de uma menina de dez anos que ficara radiante com a sua presença e que batera as palmas de contente, como se já o conhecesse há muito tempo e fôssem, de há muito, velhos e bons amigos...

Mas, logo a seguir, voltavam-lhe as saüdades da «machamba» e daquela santa liberdade — que nada havia que a pagasse — e comentava consigo, no meio da terrível insónia:

— Ná! Eu nunca me habituarei à vida da cidade. Isto será muito bom, talvez, para outros burros... Para mim, não... E o melhor que tenho a fazer é fugir na primeira oportunidade que se me proporcione... E é que fujo.

E com êste pensamento e êste propósito firme conseguiu, finalmente, adormecer, já sôbre a madrugada... vendo passar, em sonhos, diante de si, os campos alegres e fartos da querida «machamba» onde nascera...

Mas... habituou-se. Os dias foram passando...

De rabino, arisco e atrevido que era, foi-se tornando sociável, calmo e brincalhão inofensivo. Passado algum tempo, até já ia — a princípio a mêdo, depois confiado — comer o milho às mãos da menina, daquela sua amiguinha com quem simpatizara desde o primeiro momento... E todo aquele ambiente carinhoso, e especialmente esta dedicação sincera de uma criança alegre, lhe faziam esquecer, quási sempre, a liberdade de que gozara noutros tempos, as correrias e as cabriolas endiabradas da sua vida livre...

De quando em quando, sem poder dominar-se, ainda lhe vinham ânsias de correr em campo largo e à vontade. E, se apanhava uma boa ocasião, fugia para a rua em doida abalada... Era, então, um cortejo de pretos, pelas ruas da cidade, em sua perseguição. Mostravam-lhe milho, julgando que o levavam ao engano... E êle, depois desta partida, deixava-se prender e recolhia, tranqüilo e contente, à sua nova morada...

Mas não ia ao engano. É que se afeiçoara ao seu novo viver e já não podia passar sem a companhia alegre da sua amiguinha, que o compreendia às mil maravilhas...

E dizia consigo:

— Fugir, para quê, se eu aqui estou tam bem?! Ao menos, estas pessoas entendem que valho mais que 5$oo. Se não fôsse assim, não se importavam com que eu desaparecesse... e tenho até a certeza de que haveria quem chorasse por mim — se não voltasse mais...

— Passado algum tempo, até já ia comer o milho às mãos da menina...

E, como êste burro era um burro com sorte, assim acabou os seus dias, sem nada lhe faltar...

SOBRAL DE CAMPOS

Jeanette Mac Donald

Mãos que aplaudem?... Mãos que suplicam?... Mãos de admiradores? Mãos de apaixonados? Mãos de escravos?... Mãos de vítimas, de espectros, de fantasmas?...

Possivelmente, de tôdas...

Mãos que se erguem, nervosas e pálidas, para a Artista e para a Mulher... E, por entre essa floresta de mãos — aceradas como lâminas, crispadas como recriminações, felinas como garras, suaves como preces, perturbantes como carícias, ardentes como a paixão, frias como a morte... — a Artista e a Mulher passam, com seu olhar indiferente e superior e seu sorriso enigmático e tentador de moderna Gioconda, triunfadora do «écran»... — como em «Monte Carlo» a Sorte triunfa sôbre a vontade dos homens, marcando-lhes o Destino...